

Das tábuas da lei de Moisés ao twitter de Bento XVI¹

Carla Valéria da Costa FEITOSA²

Resumo

Desde o começo da história das civilizações, vemos o ser humano desejoso de compartilhar suas crenças, cultura, valores e experiências. O presente artigo tem por objetivo oferecer um olhar sobre a história da comunicação tendo por foco a Igreja Católica. Nosso objetivo é oferecer uma contribuição ao estudar os principais meios de comunicação utilizados por líderes religiosos para alcançar seus fiéis e apregoar as leis e as boas-novas do Evangelho. Começando pelas tábuas da lei, passando pelas cartas escritas pelos discípulos de Cristo, pela invenção da imprensa, do rádio, da televisão, pela criação dos sites e do twitter, todos têm a finalidade de compartilhar os ensinamentos divinos, seja para aumentar o número de fiéis ou manter o rebanho já conquistado. A reflexão teórica do presente trabalho terá por base as teses desenvolvidas pelos teóricos da comunicação Alberto Klein e Vilém Flusser e algumas considerações da jornalista e mestra em Ciências da Comunicação Helena Corazza.

Palavras-chave: História da comunicação. Igreja Católica. Mídia.

Introdução

É inerente ao ser humano comunicar-se, e essa comunicação se dá através do partilhar experiências, valores, rituais comuns à sua cultura, fazendo-o participante de uma realidade comum, real a todos. Como não poderia ser diferente, a comunicação sempre esteve presente na disseminação do Evangelho. O próprio Jesus ordenou que se fosse por todo o mundo e pregasse o Evangelho a toda criatura (Marcos 16:15).

Embasada nessa Grande Comissão, a Igreja Católica, ao longo dos tempos, tem elaborado sua estratégia de arrebanhamento dos fiéis. Assim aconteceu na disseminação do Cristianismo, com as cartas escritas pelos apóstolos; com as Cruzadas, por ocasião da conquista de novas terras; com a tentativa de estancar a perda de fiéis, através da televisão, e de demonstrar uma modernidade midiática, através de sites com missas e

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Publicidade e da Comunicação Institucional, integrante do 9º Encontro Nacional da História da Mídia, 2013.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, Integrante do GP Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais da UTP. Email: carlavaléria.feitosa@ig.com.br

rituais online e, por último, a comunicação via twitter pelo papa Bento XVI.

Flusser (2002, p. 16) diz que religiosidade é “nossa capacidade para captar a dimensão sacra do mundo”, e a Igreja tem sacralizado os meios de comunicação para fazer deles veículos da mensagem divina.

Desde o começo da história da civilização, religião e cultura andam juntas. Episódios como o Renascimento e o Barroco foram inspirados pela religião e divulgaram temas a ela concernentes. No Brasil, fé, cultura e mídia sempre andaram juntas numa profunda relação.

Nosso objetivo neste artigo é focar as principais formas que líderes religiosos, ao longo dos tempos, utilizam para compartilhar suas crenças, rituais e falar em nome de Deus.

1 O Percurso da Comunicação

A história religiosa³ nos diz que entre os anos de 1292 e 1252 a.C., Moisés havia sido convocado por Deus para libertar os hebreus da escravidão do Egito. Tornando-se chefe do povo, Moisés o conduziu na travessia do Mar Vermelho e do deserto. No Monte Sinai, Deus faz uma aliança com seu povo, cujo registro está no livro de Êxodo 18:4-6:

Vocês viram o que fiz ao Egito e como os transportei sobre asas de águias e os trouxe para junto de mim. Agora, se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.

Ali Moisés recebe as Tábuas da Lei escritas pelas mãos do próprio Deus contendo 10 leis para uma vida liberta da escravidão, do pecado e em harmonia com a sociedade (Êxodo 20:1-17). Importante ressaltar que não bastou que as leis fossem apenas faladas, mas houve a necessidade de um signo visual, as tábuas contendo as leis. Klein (2006, p. 184) comenta que:

Há sinais evidentes de que a experiência do culto protestante histórico em igrejas presbiterianas, metodistas e batistas, está se orientado cada vez mais por signos visuais. Se antes o crente integrava um espaço basicamente auditivo, agora há uma tendência de participação mais visual deste culto.

³ Os Dez Mandamentos. Desenvolvido pelo Site Católico Apostólico Romano. S.L. S.D. Disponível em: <<http://www.paginaoriental.com/catecismo/dezmandamentos.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

Parece que desde o início, o fiel sempre teve necessidade de ter algum signo que personificasse a presença de Deus, ou sua palavra, no ambiente de culto. No Monte Sinai, as leis escritas nas tábuas pelo próprio Deus personificavam a sua presença no meio do povo. Não bastou ouvir as palavras, era preciso tê-las, de alguma forma, palpável.

Flusser (2002, p.18) comenta que nossa religiosidade ainda hoje está atrelada ao projeto revelado no Monte Sinai. Mesmo que saibamos de outros projetos, estes são rejeitados pelo nosso senso religioso:

Mas os grandes gênios religiosos, esses seres míticos como Abrão e Jacó, Moisés e, de maneira ainda mais acentuada, Jesus, são revelados pela nossa capacidade religiosa, como participando de outro plano de realidade. Em outras palavras: a nossa religiosidade é limitada à realização de um único projeto: aquele que foi inspirado, *in illo tempore*, ao povo de Israel para realizar-se na civilização do Ocidente ... Sabemos intelectualmente de outros tipos de projeto, de outros tipos de religiosidade, e de outros tipos de sacro. Mas este conhecimento intelectual é intraduzível para a camada da vivência religiosa, e as tentativas nesta direção são fadadas ao malogro da inautenticidade. Somos, como seres religiosos, prisioneiros da revelação sinaica, por mais que nos rebelamos contra essas grades. É esse o projeto dentro do qual fomos jogados e é essa, no fundo, nossa definição de ocidentais dentro do qual existimos.

Salta aos olhos a utilização das tábuas mosaicas como um veículo de divulgação das leis divinas.

No Novo Testamento, alguns seguidores de Jesus, como Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas, colocaram em cartas conselhos e instruções cristãs que julgavam importantes para que aqueles que desejassem seguir a Jesus tivessem uma vida correta diante de Deus. Alguns temas são recorrentes nessas cartas⁴: cuidados a ter com os falsos mestres, necessidade de guardar a integridade da fé, exortação à fidelidade na perseguição e proximidade do fim dos tempos. Essas cartas⁵ seguem a mesma estrutura formal das cartas do Período Helenístico escritas pelos gregos: cabeçalho, mensagem e saudação final.

De acordo com o livro de Colossenses⁶, era comum o costume de circulação de

⁴ CARTAS Católicas. Desenvolvido pela Difusora Bíblica. S.L., S.D. Disponível em: <<http://www.paroquias.org/biblia/?m=12>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

⁵ RIBEIRO JR., W.A. O Novo Testamento. Portal Graecia Antiqua. São Carlos, S.D. Disponível em <<HTTP://www.greciantiga.org/arquivo.asp?num=0726>>. Acesso em: 08 jan. 2013

⁶ MILHORANZA, Alexandre. O desenvolvimento do cânon no Novo Testamento. S.L. S.D. Disponível em: <<http://alexandremilhoranza.files.wordpress.com/2012/04/o-desenvolvimento-do-cc3a2non-do-novo-testamento.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

cartas naquela época. Não seria diferente com as cartas de teor religioso. Conforme a igreja ia crescendo e se multiplicando, as cartas recebidas iam sendo copiadas e enviadas, a fim de que a mensagem ali exposta alcançasse essas novas comunidades. Ao longo dos séculos, o costume de enviar cartas com orientações sobre a vida eclesiástica se manteve. No ano de 494, com o intuito de refrear o cesaropapismo e o abuso dos governantes seculares, o Papa Gelásio publica a epístola *Duo sunt* contendo as competências do poder temporal e espiritual. Nesse documento, defende que os papas e os bispos devem administrar a Igreja; os príncipes e o imperador, a vida temporal.⁷

A Bula Pontifícia também é um instrumento utilizado pelo Papa para deliberar sobre alguns assuntos. A Bula mais antiga de que se tem notícia é a do Papa Agapito I no ano 535. O termo Bula Pontifícia não se refere ao conteúdo do documento, mas à forma externa, lacrado com uma pequena bola (bula em latim) de metal ou cera⁸.

Com a invenção da prensa pelo alemão Johann Gutenberg, no século XV, houve um avanço na comunicação. A princípio a Igreja Católica se sentiu beneficiada com a invenção, pois poderia imprimir grande quantidade de cartas de indulgência e assim arrecadar mais fundos; porém, com a impressão da Bíblia, o fiel poderia ter acesso à leitura dos textos sagrados e interpretá-los sem a interferência da Igreja, o que seria um perigo para a instituição, pois, até então, sob o argumento de cumprir a missão proposta por Jesus Cristo, a Igreja era quem controlava grande parte das atividades artísticas, literárias e intelectuais da época. Controlar a leitura e a escrita era uma forma de a Igreja manter seu poder e impedir que as pessoas pensassem de maneira diferente dos dogmas católicos⁹.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, a Igreja preocupou-se com a colonização da América Espanhola e Portuguesa. Flusser (2002, p.19) comenta que: “Nossas religiões tradicionais são o ambiente dentro do qual nossa religiosidade funciona.” Para Espanha e Portugal, religiosidade era sinônimo de Catolicismo. Qualquer outra expressão de religiosidade era conceituada como diabólica. Visando ao arrebanhamento de novos fiéis, para os colonos, havia as igrejas, capelas, paróquias, colégios,

⁷ RHBJ. Histórico de Papas. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<<http://rjbhistoria.blogspot.com.br/2011/05/historico-de-papas.html>>. Acesso em: 09 jan. 2013.

⁸ MELLO, Igor. De Papas e Reis: manuscritos do século XV ao XVII são restaurados. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-da-biblioteca/de-papas-e-reis>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

⁹ A Cultura Medieval. Desenvolvido por Só História. S.L. S.D. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/cultmedieval/>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

irmandades e seminários onde o evangelho era disseminado. Para os indígenas e negros, foram criadas as missões, onde sua conversão e aculturação eram promovidas¹⁰.

Com a invenção do rádio pelo italiano Guglielmo Marconi no início do século XX¹¹, a princípio a Igreja resistiu à utilização desse dispositivo para divulgar suas atividades, mas depois percebeu que ali poderia estar um potente meio de comunicação com seus fiéis e até mesmo divulgar seus atos religiosos. Conforme comenta Corazza (2000, p.33), a Igreja veio a implantar sua própria emissora, a Rádio Vaticano, no ano de 1931, no pontificado do Papa Pio XI. Hoje a Rádio Vaticano transmite seus programas em vários idiomas.

Klein (2006, p. 152) informa que o rádio, desde o seu nascimento, está associado à religião, se considerarmos que quatro anos antes de Marconi tê-lo inventado, o padre Roberto Landell teria feito experiências de transmissão radiofônica em Campinas, SP. Tal invenção foi tida como diabólica, já que a voz viajava sem a presença do corpo.

Desde os primórdios, a Igreja tem-se adaptado ao desenvolvimento dos canais de comunicação utilizando variados dispositivos para anunciar o evangelho. Com a invenção do rádio, não foi diferente. Klein (2006, p. 144) comenta que: “À presença física somam-se agora as possibilidades de ir e fazer discípulos sem o corpo, utilizando-se apenas de suas extensões, através de ondas radiodifusoras.”

No Brasil, a primeira rádio de concessão católica foi a Excelsior de Salvador, que em 1941 foi ao ar¹²; a primeira igreja a utilizar o serviço radiofônico em nível nacional foi a Adventista do Sétimo Dia, que em 1943 implantou o Sistema Adventista de Comunicação (SISAC) transmitindo o programa A Voz da Profecia¹³.

No final do século XX, a Igreja Católica contabilizava 195 rádios, segundo Corazza (2000, p.34), “a maior rede nacional, representando, aproximadamente, 7% das emissoras do País, cujas concessões foram outorgadas a dioceses, congregações e movimentos religiosos, todos ligados à Igreja Católica”.

Por volta dos anos 60, os programas religiosos chegaram à televisão, tendo o

¹⁰ CASTRO, Leonardo. Igreja Católica e Revoltas Coloniais: religião e religiosidade no Brasil colônia. S.L., 2009. Disponível em: <<http://novahistorianet.blogspot.com.br/2009/01/igreja-catolica-e-revoltas-coloniais.html>>. Acesso em: 10 jan. 2013

¹¹ MARTINS, Ricardo. História do Rádio: Guglielmo Marconi. Portugal, S.D. Disponível em: <<http://www.rep.pt/ct3kn/marconi.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

¹² CORAZZA, Helena. A missão das Rádios Católicas. São Paulo, S.D. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br/sepac/?system=paginas&action=read&id=1675> . Acesso em: 11 jan. 2013.

¹³ INSTITUCIONAL. Desenvolvido pela Rede Novo Tempo de Comunicação. São Paulo, S.D. Disponível em: <<http://novotempo.com/institucional/>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

SISAC novamente como pioneiro nessa incursão fazendo cobertura de algumas cidades dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro¹⁴. Porém, o catolicismo sempre foi a religião predominante no Brasil desde a colonização portuguesa, esse fato fez com que a evangelização através dos meios de comunicação de massa não fosse tarefa primordial em um país quase totalmente católico. Segundo Klein (2006, p. 159), “o avanço evangélico forçou a Igreja Católica a buscar mais espaço na televisão ... para conter a evasão de fiéis.” Ciente dessa necessidade, a Igreja acolhe os meios de comunicação, porém suas programações televisivas apresentam um discurso erudito, preocupado em manter a mensagem do evangelho de forma intacta e de compreensão bastante difícil aos fiéis. Agrega-se a isso, a falta de investimento em infraestrutura e profissionais qualificados para o meio televisivo¹⁵. A urgência em popularizar os programas católicos na televisão é latente, pois a “concorrência”, os programas evangélicos, já está em perfeita sintonia com a sociedade midiaticizada e realizando um grande investimento na área.

Em meados da década de 90, surge, na cidade de Santo Amaro, SP, um padre jovem, de porte atlético, formado também em Educação Física, e de boa aparência, que prega a palavra de Deus com entusiasmo¹⁶, atendendo, assim, aos anseios de uma imagem que pudesse personificar uma nova etapa na incursão televisiva da Igreja Católica. Klein (2006, p. 191) observa que o padre:

Segue à risca toda a liturgia prescrita no semanário impresso, mas o faz de uma forma espetacularizada: dá um tom emotivo ao Pai Nosso, consagra os elementos da Eucaristia com música ao fundo, anima a platéia durante cânticos, dança, faz piada, brinca com o público da mesma forma que os apresentadores televisivos animam sua platéia, ou até com mais competência. Ao final da missa lança baldes de água benta sobre os fiéis, arranca risadas, faz uma oração final intercedendo por milagres e, tal como entrou, finalmente desaparece do palco após um cântico.

Com a ascensão do padre à estrela televisiva, chamando a atenção principalmente da juventude (outrora distante dos apelos católicos), surge um novo tipo

¹⁴ BUDKE, Sidnei. Mídia e Religião: das peregrinações ao universo das telecomunicações. São Leopoldo, 2005. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/008/ano04n3_03.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2013.

¹⁵ SILVA, Simone da. Um planejamento de comunicação para a Catedral Metropolitana de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <http://www.facom.ufjf.br/documentos/downloads/projetos/1sem_2006/200601PDF/SSilva.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2013.

¹⁶ PERFIL Padre Marcelo Rossi. Desenvolvido por Santuário Mãe de Deus Ágape. São Paulo, S.D. Disponível em: <<http://www.padremarcelorossi.com.br/perfilPadreMarcelo.php>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

de missa, o “show missa”, que segundo CARRANZA, em entrevista ao blog da Editora Ideias & Letras¹⁷, é uma expressão que foi consagrada pela mídia brasileira na década de noventa quando o Pr. Marcelo Rossi chegou à mídia. Quando suas missas eram televisionadas seguidas de shows para entretenimento dos fiéis, o termo “show missa” começou a ser utilizado a fim de diferenciar eventos similares entre os pentecostais.

Marcelo Rossi é um canal de comunicação importante entre o catolicismo e o fiel católico. Segundo Klein (2006, p. 194-195, é uma imagem que mistura uma natureza sagrada e televisiva, “um produto midiático cuidadosamente construído”.

Em 2006, conforme dados fornecidos por Klein (2006, p.159-160), havia quatro canais ligados à Igreja Católica, operando em VHF, UHF, também acessíveis em TV por assinatura: a Rede Viva, a TV Horizontes, a TV Canção Nova e a TV Século 21.

Mas a tecnologia continua avançando e com ela as possibilidades de divulgar informações, cultura, crenças e valores. Com o advento da Internet, a informação passa a ser a matéria-prima da sociedade, fonte de poder. Através do computador, é possível assistir à televisão, ouvir rádio, ler jornal, enviar mensagem para alguém, conversar em tempo real, divulgar uma música, um vídeo, estar disponível 24 horas por dia para milhões de pessoas independente do local físico onde se esteja. Sem dúvida, é mais um dispositivo para evangelizar e manter a fé do cristão.

Assim, em 1995, o Vaticano lança o seu website, a princípio, somente com uma mensagem natalina de autoria do Papa João Paulo II¹⁸.

Em documento (Pontifício Conselho para as Comunidades Sociais) escrito em 22 de fevereiro de 2002, o Vaticano se pronuncia sobre a internet e sua utilização pela Igreja¹⁹:

O interesse da Igreja pela Internet constitui uma particular expressão do seu antigo interesse pelos meios de comunicação social. Considerando os meios de comunicação como o resultado do processo histórico-científico, mediante o qual a humanidade foi « progredindo cada vez mais na descoberta dos recursos e dos valores contidos em tudo aquilo que foi criado », a Igreja tem declarado com frequência a sua convicção de que eles são, em conformidade com as palavras do Concílio Vaticano II, « maravilhosas invenções técnicas

¹⁷ENTREVISTA com Brenda Carranza autora do livro *Catolicismo Midiático*. Nicolau Kietzmann Goldemberg. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://editoraideiasletras.wordpress.com/2011/03/14/entrevista-com-brenda-carranza-autora-do-livro-catolicismo-midiatico/>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

¹⁸MEIRA, Leonardo. Site do Vaticano ganha novos design e recursos. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=282121>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

¹⁹ FOLEY, John P. Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais: igreja e internet. Cidade do Vaticano, 2002. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html>. Acesso em: 11 jan. 2013.

» que já contribuem em grande medida para ir ao encontro das necessidades humanas e podem fazê-lo ainda mais.

Desta forma, a Igreja tem feito uma abordagem fundamentalmente positiva dos meios de comunicação.

Cibele Gonelli, responsável pela página da UOL - Tecnologia²⁰, afirma que o catolicismo é a religião cristã que mais aderiu à internet. Talvez em virtude da queda do número de seus fiéis que entre 1960 a 2010 passou de 93,1% da população brasileira para 64,6%, conforme dados da Folha de São Paulo²¹; e daqueles que se dizem católicos, apenas 5% se classificam como praticantes.

O Cardeal Claudio Hummes, ex-prefeito da Congregação do Clero no Vaticano e ex-arcebispo de São Paulo, assustado com o decréscimo do número de católicos no Brasil, afirmou que no Brasil a Igreja Católica precisa recomeçar do zero, a fim de trazer de volta os que se afastaram da prática religiosa²². Este recomeço é refletido na escolha do Papa argentino para ser o novo líder da Igreja Católica, mudando o centro dessa Instituição, que era a Europa, para a América Latina. No Brasil, tal recomeço inclui estratégias pela internet, onde, segundo dados da Revista Veja de 25 de setembro²³ de 2012, 70,9 milhões de brasileiros encontram-se conectados. Logo, com o objetivo de estar mais próximo do seu público-alvo, foi colocada à disposição uma infinidade de possibilidades on-line onde o fiel católico pode praticar a sua religiosidade sem sair de casa. É possível assistir a missas, ouvir louvores, receber mensagens diárias, participar de novenas, enviar santinhos e até se confessar pela internet. É a fé se adaptando ao dia a dia das pessoas.

Em 03 de dezembro de 2012, o Vaticano anunciou que o Papa Bento XVI, de 85 anos, havia aderido ao Twitter. Imediatamente milhares de pessoas começaram a segui-lo. E em 12 de dezembro, o primeiro tuíte foi publicado pelo papa em diversos idiomas abençoando os fiéis e dizendo da sua alegria em poder entrar em contato com eles²⁴.

²⁰ GONELLI, Cibele. Catolicismo é a religião que mais aderiu à internet. S.L., 2009. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/2009/06/02/ult4213u751.jhtm>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

²¹ MENCHEN, Denise; BRISOLLA, Fábio. Censo aponta queda no número de católicos pela 1ª vez no Brasil. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/51843-censo-aponta-queda-no-numero-de-catolicos-pela-1-vez-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

²² LOPES, Paulo. Apenas 6,5 milhões dos brasileiros são católicos praticantes, diz padre. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.paulopes.com.br/2012/04/apenas-65-milhoes-dos-brasileiros-sao.html#.UNIVz-TAfqE>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

²³ VIDA Digital. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/71-mi-de-brasileiros-usam-a-web-em-casa-ou-no-trabalho>>. Acesso em: 11 jan. 2013.

²⁴ MARQUES, Gina. Bento 16 envia primeiro tuíte abençoando todos seus seguidores. França, 2012. Disponível em: <<http://www.portugues.rfi.fr/europa/20121212-bento-16-envia-primeiro-tuite-abençoando-todos-seus-seguidores>>. Acessos em: 11 jan. 2013

Klein (2006, p.161) comenta que, se desejarem sobreviver, as igrejas precisam ocupar novos espaços para garantir sua visibilidade social. A Igreja Católica, certamente, aprendeu a lição e deixou-se seduzir totalmente pela tecnologia. Klein (2006, p.161), citando Luis Roncari, nos faz saber: “Se Deus quiser existir, tem que aparecer na televisão, e se quiser se fazer ouvir, não é mais suficiente a palavra, ela tem que converter-se em imagem” (apud Campos, 1997, p. 281). Parece que vale um acréscimo: e se quiser se comunicar, tem que ter um twitter.

Considerações finais

Ao desenvolver este breve estudo sobre os principais meios utilizados por líderes religiosos para alcançar o fiel, concluímos que esse é um caminho sem volta. Qualquer instituição que necessite de divulgação para sobreviver, hoje precisa estar na mídia. Os programas de televisão, os sites, os perfis em redes sociais e os twitters de conteúdo religioso concorrem frontalmente com outros conteúdos divulgados pela mídia. E para fazer frente, é necessário que ocupe o espaço midiático com profissionalismo e estratégias que despertem o interesse do público.

Desde as tábuas da lei até o twitter do Vaticano, a Igreja está em busca do fiel e de aumentar o número de seus seguidores. A divulgação das “delícias celestiais”, a conscientização para uma vida sem pecado, o perigo do inferno são temas recorrentes independente do dispositivo utilizado para a comunicação.

A missa hoje precisa ter a preocupação de causar impacto televisivo. Os cânticos precisam ter um refrão de fácil assimilação para que “caia no gosto do público”. Exemplifica-se com: “Entra na minha casa, entra na minha vida, mexe com minha estrutura, sara todas as feridas ...” que foi exaustivamente cantado.

Cabe a pergunta sobre o grau de religiosidade e devoção do fiel (?) que assiste a um show missa do Padre Marcelo Rossi. Estará este telespectador realmente em um momento de culto frente à TV ou apenas se entretendo? O internauta que segue o Papa no twitter o faz para estar *atenado* às notícias do Vaticano, desejoso de receber a bênção papal ou o faz apenas por um modismo?

Flusser (2002, p. 17) comenta que:

Épocas e sociedades religiosamente pobres ... reprimem e abafam a capacidade individual para a religiosidade. (...) Outra consequência dessa repressão é o desvio do ardor religioso da dimensão sacra para a profanidade chata do mundo e resulta em pseudo-religiosidades...

Cabe ainda a pergunta sobre que tipo de religiosidade está sendo gerada a partir dessa caminhada on-line/televisiva na atualidade. Mas deixamos essa reflexão para um outro artigo.

Referências:

A Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CORAZZA, Helena. **Comunicação e relações de gênero em práticas radiofônicas**. São Paulo: Paulinas, 2000. (coleção: Comunicação e Estudo).

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia**: interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre: Sulina, 2006.